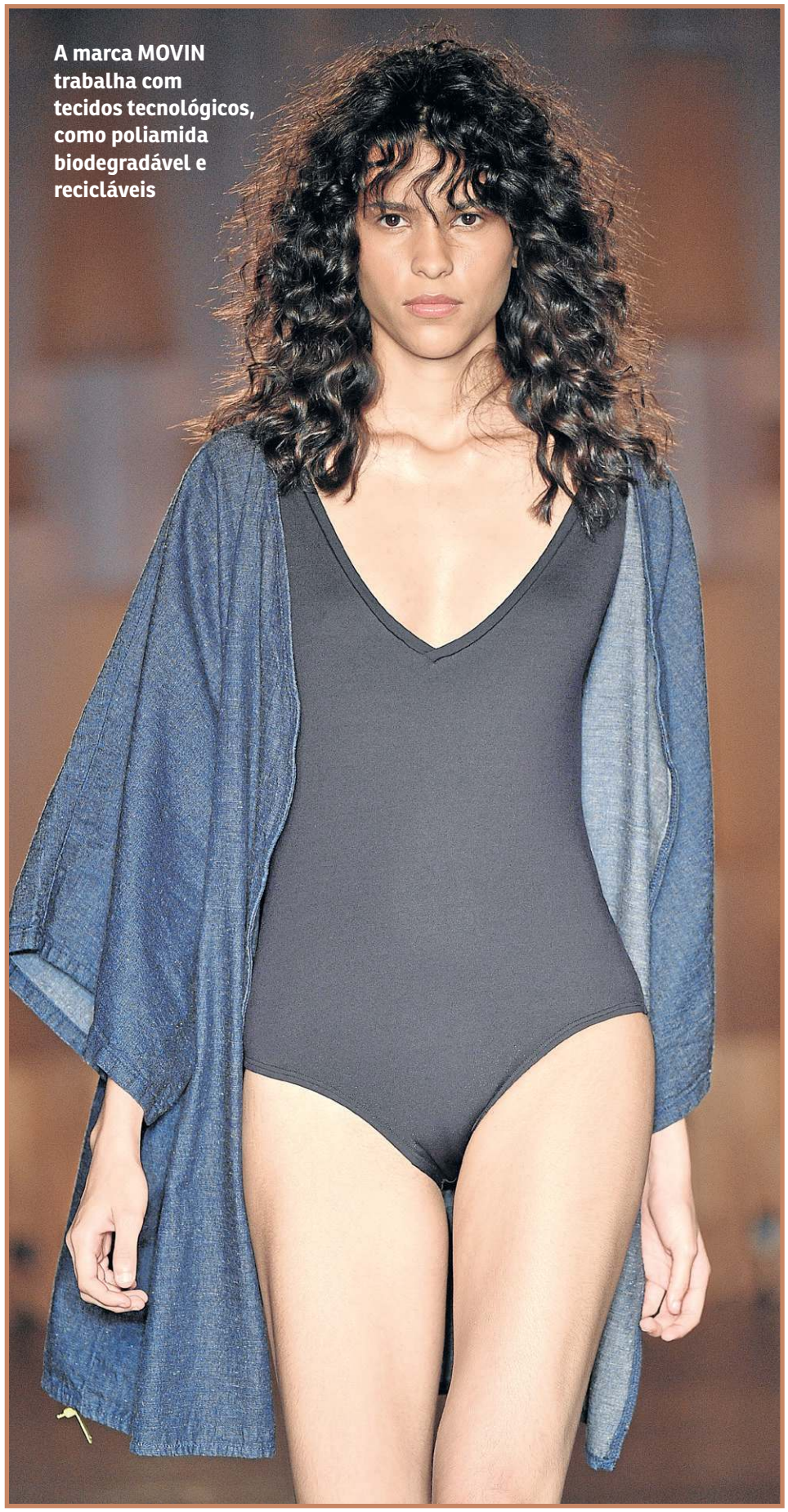
Marcelo Soubhia/FOTOSITE



A marca MOVIN trabalha com tecidos tecnológicos, como poliamida biodegradável e recicláveis

Instagram/Reprodução



Desenvolvido pela empresa Ananas Anam, o Piñatex é um tecido natural feito das fibras das folhas de abacaxi, partes que costumam ser descartadas

Três perguntas para

ANA SUDANO, IDEALIZADORA DO BRASIL ECO FASHION WEEK, DOCENTE EM MODA, ESTILISTA E CONSULTORA EM SUSTENTABILIDADE

Quais materiais inovadores vêm se destacando na confecção de roupas?

Numa produção têxtil dominada pelo poliéster, temos visto crescer o uso do algodão orgânico, que não tem níveis agressivos de pesticida, os recicláveis, principalmente, as misturas de pet com poliéster e tecidos com base de viscose certificada, que ficam muito agradáveis esteticamente. Têm também de inovação em fibras naturais, principalmente, as mais rústicas, usadas até na sacaria de café. Nesse contexto das fibras, tem ainda a viscose de pétala de rosa, de melão, cactus e de abacaxi, que passam por um tratamento enzimático até se misturarem e proporcionarem um caimento agradável.

Como o Brasil Eco Fashion Week se mobiliza para promover uma lógica fashion mais sustentável?

Há cinco anos trazemos marcas que se estruturam numa lógica sustentável ou têm iniciativas do tipo. Queremos mostrar opções e oportunidades para os empreendedores do ramo. De modo geral, incitamos uma cultura mais sustentável, o que tem a ver não só com o meio ambiente, mas com o fator social e de educação também.

Peças feitas de materiais inovadores são realmente mais caras? Esse é um argumento válido contra o emprego dessa tecnologia?

O atributo da sustentabilidade depende de tecnologia. Então, é claro que há investimento. A questão é: será que o outro não é barato demais? A produção de moda precisa ser responsável, arcando, inclusive, com vários tributos. Isso, claro, pode aumentar o preço da peça, mas compensa. O preço está ligado muito mais ao posicionamento da marca.